

Entrevista com Prof. Dr. Sérgio Fonseca da Teixeira

Andrei Pereira Pernambuco¹

¹Centro Universitário de Formiga (UNIFOR-MG)

Entrevistamos o Diretor da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG e Editor Chefe do Brazilian Journal of Physical Therapy, Dr. Sérgio Fonseca Teixeira.



Dr. Fonseca possui graduação em Fisioterapia pela Universidade Federal de Minas Gerais (1986), mestrado em Physical Therapy - University of Alberta (1989) e doutorado em Applied Kinesiology - Boston University (1997). Em 2006, concluiu seu estágio Pós-doutoral no Center for the Studies of Perception and Action (CESPA) na Universidade de Connecticut. Sérgio Fonseca é Professor Titular Livre do Departamento de Fisioterapia da Universidade Federal de Minas Gerais. Atualmente, ele é Diretor da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG e Editor Chefe do Brazilian Journal of Physical Therapy, juntamente com os professores Leonardo Costa e Paula Camargo. Ele possui experiência na área de Fisioterapia, com ênfase em Desempenho Funcional Humano, atuando principalmente nos seguintes temas: estabilidade funcional, biomecânica dos tecidos, reabilitação e prevenção das lesões no esporte e comportamento motor (sistemas dinâmicos e percepção-ação).

1) Quais seriam seus conselhos para um estudante que pretende seguir a carreira científica em nosso país ou no exterior? Que habilidades deveriam ser aprimoradas?

O fator fundamental para a carreira científica é o desejo por obtenção de novos conhecimentos. A inquietação com as explicações fáceis e a curiosidade científica é o primeiro passo para saber se a carreira científica é de interesse. Para isso, são fundamentais a capacidade de compreensão de textos e o domínio do Inglês. Infelizmente, vivemos em uma sociedade científica centrada na língua Inglesa e, portanto, o domínio da língua nos dá independência para buscar novas informações.

2) Quais são as principais barreiras encontradas para se produzir pesquisas de qualidade no Brasil? E quais as principais vantagens?

O Brasil tem bons programas de pós-graduação, bons profissionais, pesquisadores criativos e muitos alunos capacitados. Ou seja, nossas vantagens somos nós mesmos. Infelizmente, a falta de financiamento de maneira regular e o excesso de tarefas burocráticas/administrativas que os docentes enfrentam reduzem nossa competitividade científica. Trabalhamos com menos tempo para pesquisa e menos dinheiro quando comparados com pesquisadores de países líderes na Ciência. De modo irônico, nossa demanda por produção é a mesma (e em alguns casos maior) que os docentes desses países têm.

3) A *Brazilian Journal of Physical Therapy* é um dos periódicos científicos da área de fisioterapia mais respeitados no mundo. Na qualidade de Editor Chefe dessa revista, a que você atribui o sucesso do periódico?

Desde 2006, fizemos uma opção por levar o nome da Fisioterapia Brasileira para o cenário mundial. Para isso, eram necessárias uma revista forte e boa pesquisa. No Brasil, temos vários programas de pós-graduação em Fisioterapia com grande qualidade e, portanto, temos massa crítica para produzir boa ciência. No processo de crescimento da Revista, precisávamos conquistar a confiança da dos docentes destes programas para que bons artigos fossem submetidos para publicação. O primeiro passo para essa conquista foi ter a Revista aceita no Web of Science e ser listada no JCR. Com isso, passamos a receber uma avaliação que quantificava o impacto do BJPT. Ao termos atingido uma certa estabilidade no nosso fator de impacto ao longo dos anos, nossos bons pesquisadores perceberam a seriedade da Revista e passaram a enviar seus bons artigos. Este processo resultou em um círculo virtuoso, pois, com bons artigos, tínhamos mais citações e com mais citações conquistamos um maior impacto. Finalmente, com um maior impacto temos um número maior de bons artigos e o processo continua. Ao final de vários anos

de trabalho, obtivemos um fator de impacto de 1,669, o qual nos coloca como a 11ª melhor revista brasileira, considerando todas as áreas do conhecimento. Esta é uma conquista da Fisioterapia Brasileira e motivo de orgulho para todos nós. Apesar do trabalho dos Editores Chefes, Editores de Área, revisores e grandes apoiadores como o CREFITO-4, o sucesso deve ser compartilhado com todos os pesquisadores que enviaram seus artigos para a Revista.

4) Para aqueles que tem interesse em publicar um artigo na *Brazilian Journal of Physical Therapy*. Quais são seus conselhos, o que não pode faltar no artigo?

O BJPT busca qualidade, mas acima de tudo inovação. Boas ideias testadas com rigor metodológico é o que buscamos. Um artigo tem que ser cientificamente saudável, com objetivos claros e redação objetiva. Hoje temos que ter um conteúdo ágil e o autor deve ir diretamente ao ponto. Coerência entre objetivo, método e conclusão é o que nunca pode faltar em um artigo.

5) Um de seus principais colaboradores é o mundialmente conhecido Dr. David J Magee, professor da Universidade de Alberta (Canadá), referência na área de avaliação musculoesquelética, autor de diversos trabalhos científicos e livros utilizados em todos os currículos de graduação em fisioterapia. Conte-nos um pouco sobre essa relação com o Dr. David J Magee?

Dr. Magee foi meu orientador de mestrado e hoje é um grande amigo. Ele é uma pessoa fantástica, dono de uma sabedoria impar. Esta sabedoria não é apenas sobre a Fisioterapia, mas, principalmente, sobre as pessoas e o mundo. Fui fazer mestrado na Universidade de Alberta sem conhece-lo previamente. Por sorte, ele entrou em meu caminho, como um exemplo de alguém que preocupa com a Fisioterapia, mas também com as pessoas em seu entorno. Um grande homem, um grande acadêmico.

6) Você já disse que em sua trajetória acadêmica/profissional pensou em desistir da fisioterapia. Porque? E o que lhe fez mudar de ideia?

A Fisioterapia quando formei era muito rudimentar. Baseada firmemente no modelo médico, tratava o fisioterapeuta como um técnico que aplicava sua intervenção sem qualquer raciocínio lógico. Tratávamos a doença e não o indivíduo. Este fato me desestimulou a continuar na área. Felizmente, tive a oportunidade de conhecer grande fisioterapeutas brasileiros e estrangeiros. Este fato me trouxe novas perspectivas e me fez dedicar a esta profissão maravilhosa. Hoje, o contexto é outro. Nossa profissão mudou, cresceu e conquistou respeito. O corpo de conhecimento necessário para ser um bom fisioterapeuta é enorme. Para aqueles que não tem medo de estudar e aprender, vale a pena ser Fisioterapeuta.

7) Quais são as principais diferenças entre a fisioterapia praticada no Brasil e nos demais países que você já visitou?

A Fisioterapia varia muito de país para país. Por incrível que parece ela varia de estado brasileiro para estado. Por isso, é muito difícil caracterizar as diferenças. De modo geral, a fisioterapia dos países de língua Inglesa é mais científica e padronizada. Eles são menos criativos e atenciosos que os brasileiros, mas são práticos e organizados. Não sei dizer o que é melhor ou pior. Sei apenas que temos o potencial de unir o melhor dos mundos e dar ao nosso cliente o que existe de mais eficaz para a solução dos seus problemas.

8) Comente sobre sua frase: “Ser fisioterapeuta é fácil, ser um bom fisioterapeuta é muito difícil”. Descreva-nos o que torna essa ciência tão desafiadora?

Isso se refere um pouco ao que eu disse anteriormente. Fazer fisioterapia de qualidade, com raciocínio clínico, exige MUITO conhecimento. Estudar e praticar é fundamental para ser um bom fisioterapeuta, mas também é necessário ser capaz de perceber relações entre informações distintas. É fundamental pensar nas várias dimensões que afetam a saúde do nosso cliente e entender a complexidade envolvida no surgimento de processos patológicos. Ser um bom fisioterapeuta exige uma prática baseada em evidência e em ciência. Por isso, muito conhecimento é necessário. Isso é para os fortes.

9) Muitas vezes, em ensaios clínicos na área da fisioterapia, observamos que a eficácia de uma técnica não é superior ao placebo. Você já afirmou que isso decorre de perguntas mal formuladas (*ill posed question*). Fale nos um pouco mais sobre isto?

Ao contrário do modelo médico clássico, não tratamos a doença, mas o indivíduo. Isso ocorre, devido ao fato de que as causas para um mesmo processo patológico podem variar de um indivíduo para o outro. Este fenômeno se chama *Equifinalidade*, o qual estabelece que um mesmo desfecho pode ter

várias causas distintas. Dessa forma, como podemos tratar uma mesma doença sempre da mesma forma? Duas pessoas com o mesmo diagnóstico médico podem necessitar de tratamentos distintos, pois o nexo causal pode ser igualmente distinto nos dois casos. Assim, quando perguntamos se método A é melhor que método B para o tratamento de uma condição C, estamos fazendo uma pergunta errada. Em fisioterapia a pergunta correta é se o método A cumpre os objetivos que ele propõe e não se ele trata uma determinada condição de saúde. Deveríamos perguntar, por exemplo, se mobilização altera o comprimento do tecido mobilizado e não se esta técnica é capaz de tratar uma determinada doença. Quando comparamos uma única técnica com placebo no tratamento de uma doença, estamos colocando em risco a profissão, pois poderemos concluir, erroneamente, que nossas intervenções são ruins. Infelizmente, como tudo no mundo, quando perguntamos algo errado, certamente a resposta também será errada.

Agradeço o apoio, a atenção e a colaboração para a publicação da Revista, em nome do UNIFOR/MG (Centro Universitário de Formiga/MG) e da Revista Conexão Ciência.

Dr. Andrei Pereira Pernambuco – Editor-Chefe da Revista Conexão ciência.